

Entrevista realizada por: Camila D'Ottaviano

Transcrição: Mariana Hyppolito

Entrevistadas: Ivaneti Araujo (MMLJ) e Silmara Ap. Congo da Costa

Data: 24.fevereiro.2021

1. Silmara Aparecida Congo da Costa

de São Paulo – da zona leste

Com falecimento da avô foi quando veio morar no centro com a mãe. Morava de aluguel no Glicério, na baixada do Glicério

E um belo dia alguém me convidou para ir numa reunião de grupo de base.

Quando eu cheguei lá quem era a coordenadora era a Neti. Ela era a coordenadora desse grupo de base.

E foi a partir daí que eu conheci o movimento.

A gente participava dessas reuniões , ela explicava como era o movimento e se você tinha o interesse de entrar numa luta. Pois não era garantia de moradia. Era garantia de luta.

Grupo de base da rua Sinimbu na Liberdade

Comecei a participar desse grupo, comecei a participar não só desse grupo mas de outras reuniões. E aí fiz a primeira luta.

É uma coisa tão forte que a partir do momento que você entra, você não para.

Ainda mais quando alguém te mostra.

Ali a gente tinha uma coordenação que ela tinha saído da situação de aluguel para uma situação de morar debaixo do viaduto para poder chegar até ali e passar a experiência pra gente.

E a partir dali é que eu começo no movimento, aí por um certo tempo eu comecei e entrar em dificuldade porque pagava aluguel. Era difícil. Nesse tempo eu tinha 3 filhos pequenos.

Foi quando eu fui morar num prédio que não era ocupação. Era um prédio que era Parceria Social.

Sempre do lado da Neti. Da coordenadora Neti.

E com o passar estou tempo eu entrei no movimento de 2003 para 2004 e a partir dai começa a nossa luta mais ainda. Passou um tempo e tinha que sair de lá porque vencia esse projeto e aí precisava de fazer ocupação e aí a gente vem fazer a ocupação da Mauá.

Eu acho que a minha chegada no movimento é essa, a partir da dificuldade sim.

Porque quando eu fui para o grupo, eu pagava o aluguel mas ainda dava, né. E desconhecia essa questão de movimento social. Ouvia falar mas desconhecia a realidade. E a partir daí foi que eu aprendi e estou aqui até hoje.

Mauá: ocupação 25/março/2007.

Eu não sou uma liderança. Eu faço parte de um coletivo de coordenadores. A gente ajuda na realidade a coordenar e encaminhar junto às famílias. É o papel da coordenação.

2. Neti – Ivaneti Araujo [8:15]

48 anos

Priorização do estudo

Porque se a gente a gente sem entender tanto, sem ser formada, já faz uma luta tão legal, imagina você tendo mais conhecimento

“Quem sabe mais, luta mais”

A fé da vacina de passar toda essa pandemia a gente tem. É o que nos mantem movimentando.

Sou Ivaneti Araujo, tenho 48 anos.

De onde eu vim?

Sou filha de baianos. Meu pai e minha mãe. Minha mãe é de Tapiramutá e meu pai é de Ipirá uma cidadezinha da Bahia. Fui para uma cidade. Meus pais foram pra cidade chamada Guariba. Nasci em Guariba, em casa. No João de Barro, que é onde o pessoal, alguns ainda tem medo de ir para o João de Barro, é um bairro, é um pedacinho de rua periférico. Então tem um outro tipo de olhar. Eu nasci lá. Na rua São João, número 280.

Meu pai ele trabalhava em roça, trabalhava na roça, cortando cana, o que tinha no momento, na safra ele encarava. Conheceu minha mãe fazendo esse tio de trabalho. Ficaram juntos e tal. Passado-se algum tempo minha mãe e meu pai não se deram. Minha mãe em algum momento viveu certo tipo de violência doméstica. Eu presenciei isso na minha infância. Por outro lado, do mesmo modo que a minha mãe foi educada no norte, na Bahia, com um pai e uma mãe, ela passou esse tipo de educação comigo, bastante severa. Então não podia dizer nada que o chicote estalava. Então eu fui criada dessa forma. Pra sair da surra da minha mãe, por muitas vezes eu ia pra roça com o meu pai, pra evitar que ela me batesse.

Então conheci a roça com 8 anos de idade.

Bem fui mãe solteira aos 15 anos. Estou pulando um pouco da etapa.

Trabalhei em Ribeirão Preto como doméstica. Lá conheci uma pessoa. Tive duas filhas. Que é a Giovanna e a Anielly e não dando mais pra gente ficar lá. Porque ele era metalúrgico, essa pessoa. Aí não dando mais pra ficar lá, a gente veio pra São Paulo. A empresa dele, que ele trabalhava faliu e ele foi contratado pra trabalhar em São Paulo.

E eu morei a principio na Aclimação. Morava num porão. Se não falha a memória, rua José Mazzini. Conforme chovia, a umidade escorria na parede. A Anielly, minha filha, ela tinha problema respiratório, bronquite. Era muito úmido, mofo, essas coisas. E ela ficava bastante tempo internada. E uma vez eu pedi para que ele pedisse aumento de salario, pois ele ganhava bem pouco. Pra que a gente pudesse

mudar, ao invés de ficar na casa do patrão, mudar. E foi aonde ele foi fazer isso e o patrão deu a conta. E aí, foi aí que a gente passou a viver alguns momentos difíceis. Aí morei em cortiço, na Muniz de Sousa, na Miguel Teles Junior, na rua do Lavapés. Não podendo mais morar ali pagando aluguel, a gente foi lá pra vila Guarany, perto da Vila Prudente. Não podendo, porque eu tinha arrumado um bico, muitas vezes eu saía de madrugada, a pé, pra poder trabalhar, e o dinheiro do transporte eu deixava para os meus filhos comer o pão, fazer alguma coisa.

Não podendo mais pagar aluguel, eu fui pra debaixo do viaduto do Glicério. Então morei por alguns meses em situação de rua, na Baixada do Glicério.

Foi quando um dia, um grupo de pessoas, passando e fazendo visita, passou e convidou a gente para participar de uma reunião da moradia. Eu não acreditei e não fui. Só que o pai das minhas meninas foi.

E num belo dia ele chegou e falou “Oh”, com um pedacinho de papel tipo assim. Um pedaço de papel assim, que era uma espécie de uma carteirinha, “Oh, a partir de hoje nós vamos ter a nossa casa”. Eu falei “você deve ter bebido, né? Era só o que faltava. Deve ter bebido, deve ter usado droga, alguma coisa. Porque com um pedaço de papel a gente conseguiu a casa. Você está de brincadeira com a minha cara.”. Eu já não acreditava mais em nada. Estava em situação de rua com os meus filhos. Ele falou assim “Inclusive tal dia, nós vamos ter que ir pra um lugar que disse que de lá a gente vai saber para onde a gente vai.”

Aí eu fui.

Em 96

Aí eu fui, cheguei lá. Esse lugar hoje é ocupado, é a ocupação 9 de Julho do INSS. Aí ele era ocupado naquela época também.

Aí eu cheguei e o pessoal falou “O pessoal do grupo tal fica aqui”, “Do grupo tal fica aqui”.

Eu era do grupo Sinimbu.” Do grupo Sinimbu fica pra cá”. Eu não conhecia. Quem era na verdade era o pai das minhas meninas. Então a gente foi ficando cada num lado, num grupo. E aí o grupo do ônibus. O ônibus tal encostou, pode ir o grupo tal. E eu falei “possa, o que está acontecendo?” E ninguém sabia de nada. Entra no ônibus, vamo vamo vamo. Aí daqui a pouco eu nem bem sentei na poltrona e desce desce desce. E eu falei “Esse povo tem que decidir. Ou eu subo e sento ou eu desço. O que que está acontecendo.

E eu não entendia nada do que estava acontecendo. Desce, desce. E aquela multidão pra poder entrar numa porta.

Eu falei meu Deus do céu.

E mesmo sem você querer ir, você é empurrado por aquele massa. Vamos vamos vamos, não pode atrasar. E eu entrei.

Quando eu entrei nesse espaço, eu fiquei super admirada.

Meu Deus. Eu estava na rua e de repente me vi dentro de um espaço. Quando espaço, né? Quanta coisa. A gente vai poder ficar aqui. Não acredito. Nós não

precisamos mais sair daqui? Aí me contaram que era um hospital abandonado. Eu pirei né?

“Eu não vou ficar aqui. Esse hospital abandonado. Meus filhos vão pegar uma doença aqui. Eu não vou ficar aqui não. Não vou.”

Aí o pai das minhas meninas grudou, ele é baixotinho, mas grudou bem. ele falou assim “Presta bem atenção no que vou falar pra você: ou a gente fica aqui, ou eu vou voltar pra rua com vocês, porque eu não sei mais o que fazer. Se eu voltar pra rua, eu vou roubar, eu vou sequestrar, eu vou fazer tudo que for de ruim. Se eu for preso e você for me deixar lá, quando eu sair a gente conversa.”

Aí eu falei: “Pensando bem, aqui está ótimo, uma maravilha, nossa”.

Conseguimos um espaço bacana. Não tinha nada. E aos poucos. O que eu aprendi em situação de rua de bom, eu levei pra mim. Então eu fui pedir. Pedi, pedi, moveis. Eu tinha cama, tinha guarda-roupa. Em questão de... a minha casa tava montada. Deve ter umas fotos por aí do meu quartinho lá.

E eu falei olha. Foi uma boa. Logo teve luz, logo teve água. Eu não entendia nada ainda. Mas eu sabia que cada dia tinha que ir um grupo de pessoas para a cozinha fazer comida.

Um dia assembleia virou, a coordenadora que estava lá falou assim “Pessoal, a partir de amanhã não tem comida na cozinha”. E eu ainda dependia da cozinha porque eu não tinha fogão. Tinham acabado as minhas coisas. Eu não tinha mais nada.

Aí eu não sei se foi o meu medo de não ter comida pros filhos, eu não sei o que aconteceu, mas veio o “por que”. Eu sempre fui tímida pra fala, só que saiu o porque no meio daquela... E eu fiz “Por quê?”.

Aí falou “porque não tem comida na cozinha. Já acabou tudo. A gente tem que fazer alguma coisa”.

E a gente saiu com aquilo na cabeça. Ai eu falei pras meninas do corredor onde eu morava “Gente, vamos pedir”. Aí eu lembro até hoje que uma das moradoras falou “Eu não peço. Eu passo fome mas eu não peço. Eu tenho vergonha.”.

[se dirigindo à Silmara] A mesma história que você acaba contando, né? Que a sua avó falava que não era para você pedir. Que era pra passar fome mas não era pra pedir.

E ela falou “eu passo fome mas eu não peço”.

Eu falei então eu peço e vocês me ajudam a carregar. Já naquela fé de que eu ia trazer muita coisa pra casa. E aí a gente foi lá pra Bela Vista, pros mercados, pra feira.

Tinha um lugar que vendia aves, sabe tipo frango, galinha, essas coisas. Eu fui lá pedi pé, pedi carcaça, pedi pescoço. Eu lembro que eu consegui muita coisa. E realmente cada mulher veio com o carrinho cheio e a gente foi levar pra cozinha. Então no mercado o arroz estava furadinho, a bolacha estava amassadinha, eles tiravam da prateleira, então eles passou pra gente. Eu chamava o gerente, ele acabou passando pra gente.

Eu cheguei na cozinha, eu cheguei e falei: gente vamo que é pra dar tempo da gente cozinhar. Era umas 10 e meia. A gente tinha saído bem cedo. Era tipo umas 10 e meia, 11 horas. A gente já estava com muita coisa. Aí chegamos na ocupação e passamos pra coordenadora. Olha, a gente conseguiu isso pra fazer a comida hoje. A coordenadora falou “nossa, como é que você chama?”. Eu me apresentei.

“Que grupo é o seu?”. Como o pai das meninas falava sempre que era o Sinimbu, Sinimbu. Aí eu falei “é do grupo Sinimbu”. E ela falou “Não, eu sou do grupo Sinimbu e nunca te vi no grupo”. Falei ah, mas eu sou esposa de fulando de tal. Aí ela falou “Ah, tá, que bom. Seja bem-vinda a nossa luta”. Aí eu falei: como é que nós vamos fazer, que a gente precisa cozinhar. Ela falou “Não, você já foi buscar, junto com as outras. Eu peço que agora vocês vão dar uma descansada, que vocês devem ter andado bastante e vamos buscar outras mulheres para poder cozinhar e outras pra lavar e guardar a louça.” Tudo bem.

E a moça falou assim “É vem ajudar a gente a descascar não sei o que”. Aí ela falou não “Elas já foram buscar, vocês arrumam outro grupo pra poder descascar e fazer o que precisar”.

Aquele dia, foi, eu não sei se foi porque eu ajudei mas foi a minha melhor refeição. Sabe, tava muito delicioso. Salada de fruta, suco de fruto, bastante legumes, carcaça assim refogadinha, com pescoço e pé. E o arroz bem fresquinho. Comemos bastante. E como eu cheguei no movimento? Foi através dessa pessoa.

Ela falou “você não quer entrar pra ajudar a gente a coordenar”.

Falei “como é que é isso?”.

Ela falou assim “O coordenador não é o que manda, coordenador é o que ajuda a fazer. É o que dá a direção e ajuda a fazer. Você não precisa. A palavra. Não é pra você, é com você”

E eu achei legal. Foi bom, que legal. Falei me explica que se eu puder ajudar.

Hoje à noite vai ter uma reunião, às 7 horas, você vem.

Eu falei – tá bom.

Quando eu sai, ela falou “Olha, traga uma caneta e um papel. Outra coisa que eu vou te sugerir: anota tudo.”.

Eu falei – tá legal. Eu sou meio esquecida, pra mim é bacana.

Então eu fui pegando algumas coisas. E tudo que ela falava, eu anotava. Tudo que ela falava eu anotava.

Aí ela falou assim “bom, como ficou o encaminhamento das nossas reuniões?” Aí o pessoal falou oh. Ela “ Olha, a Neti anotou aqui algumas coisas. É isso. E ficou encaminhado isso.” E aí passou um tempo, eu fui ajudando. Ajudei na questão de pegar o nome das pessoas, anotar o número do quarto, fazer um caderno com todos os nomes dos moradores e deixar na portaria para que o porteiro conseguisse identificar quem é quem, porque a portaria era muito nova. Com o número de quarto, tudo. Porque quando chegar uma visita, ah eu vou no quarto 402. Mas quem

mora lá? A Maria. Não, lá não mora a Maria, mora a Josefa. Então o porteiro sabia através disso.

Eu fui aprendendo, fui aprendendo. Aí eu fui eleita secretária do movimento. Depois fui eleita a segunda coordenadora e depois fui eleita a primeira coordenadora.

Passado-se um tempo, o movimento acabou. O MSTC foi pra um lado e nós fomos para o outro. Só que precisávamos continuar na luta. E nasceu o Movimento de Moradia e Luta por Justiça, o MMLJ, coordenado pelo grupo de mulheres aqui. Não sou somente eu. Não tem só mulheres tem alguns homens vai.

Aqui a gente tem 4 homens, 2 homens de MMLJ, um do outro movimento e outro do outro.

É que é tão pouquinho, que você até...

A gente acabou fazendo outra lutas. Encaminhamos algumas coisas quando era o outro movimento, o MSTC, aí depois passamos a dividir a pauta de negociações com os outros movimentos.

Que é importante: dividir para multiplicar. Dividir para fragmentar, jamais.

[fundação] Tem uns 6 anos já. Foi 2011.

Enfim. Foi necessário. A gente conseguiu.

O MMLJ coordena três ocupações: a Prestes Maia, aqui a Mauá, e a Ipiranga 908.

Qual é o objetivo?

Não é só ocupar para ficar. É ocupar para mostrar para o poder público que existe família com necessidade de moradia e que direito não tem fila. Acho que é importante deixar isso claro. O artigo 5º e 6º da Constituição não está dizendo que a pessoa pra conseguir, que o morador de baixa renda para conseguir moradia tem que pegar uma senha e entrar na fila. Está dizendo que todo o cidadão tem direito à moradia.

E por essa questão a gente continua nas lutas.

Esse imóvel que nós estamos aqui da ocupação Mauá ele tem uma dívida grande que o proprietário tinha deixado de IPTU. Se todos pagassem IPTU e se o governo fizesse jus, garantisse o nosso direito, o direito dos trabalhadores sem teto de baixa renda nós teríamos moradia de qualidade, nós teríamos saúde de qualidade e uma educação fundamental extraordinária. Eu acho que não precisaria nem colégio particular se o governo se atentasse a essas questões.

E aí com a nossa negociação, as nossas lutas, as nossas idas e vindas, a gente conseguiu encaminhar a Mauá. Hoje a Mauá pertence ao poder público. Só que nós estamos numa luta maior aí que é pra garantir que a família que mora na Mauá seja contemplada e que seja atendida com projetos de preferencia onde nós nascemos aqui na questão da luta. Fomos nós que plantamos todas essas questões.

Bem, quanto ao papel tão fundamental da questão das mulheres.

Eu vou pegar um pouco da minha experiência. Hoje eu não estou mais com o pai das minhas filhas. Graças a deus já vai fazer 14 anos que eu estou num outro relacionamento. Até porque eu vivi, também assim como a minha mãe, sofri

violência doméstica. Então a partir do momento em que a gente passa a entender os direitos dentro do Movimento.

Olha, outra coisa que é fundamental: uma coisa acaba puxando a outra. Sabe porque, você entra. A gente que está na necessidade da moradia. Você entra “tá eu só quero um cantinho pra morar”. Quando você começa a participar de curso de formação, você consegue entender que a mulher ela não é só para ouvir, cozinhar, lavar e passar. Ela tem que ter o direito dela de escolher. Igual antigamente. Como é que meu marido falava

[Silmara] “Vai tomar banho que eu vou te usar”

“Vai lá, vai se lavar, deitar, que eu vou te usar.” Hum-hum. Hoje não. Vai usar o escambau, certo.

Nenhum tipo de mulher é depósito de nada. Então não. Se quiser, bem. Se ela quiser, seja bem vindo. Se ela não quiser, não e pronto e acabou.

Antigamente meu esposo falava assim “Não tem que por comida e tal”. Esse meu esposo que eu estou hoje “Ah, eu estou com fome. Põe pra você e aproveita e põe pra mim também.” Sabe. Se eu estou na cozinha eu ponho pra ele. Se ele está na cozinha, ele põe pra mim.

Às vezes a gente fala: vamos fazer tal coisa junto. Sabe. Vamos cozinhar junto? Meus meninos pequenos falam assim “pai, mãe, porque você não abrem um restaurante em sociedade? Vocês cozinham tão bem. Porque está ali a família junto, participando junto. Isso é fundamental.

Porque a mulher acaba sendo protagonista nesse questão.

A mulher ela já carrega aquela questão do papel de mãe. O papel acolhedora. E gente não admite. Olha só o que eu passei pra enxergar a necessidade de morar dentro de uma ocupação. Eu achava que isso era um destino, um destino meu ficar em situação de rua. Então por esse destino, eu vou continuar em situação de rua. Não. Não. É igual a palavra. Deus disse, faça a sua parte que eu cumprirei a minha. Então senhor eu quero sair dessa situação. Então levanta-te que eu te empurro. Então é mais ou mesmo dentro dessa questão.

Aí porque o papel da mulher é fundamental? Por essa questão, por ela ser mãe.

Quantas vezes, Camila, eu ouvi do meu ex-marido, quando eu falava assim “eu vou pra uma reunião”, “você vai dar! Você é puta! Você não sei o que”. Quando eu voltava cansada, ou quando eu ia participar de alguma ocupação, por mais que eu não precisava naquele momento, mas eu precisava dar apoio para outros, da mesma forma que outros dera apoio para eu chegar onde eu estava [o marido falava] “você estava onde? Sua puta! Sua galinha! Você estava dando pra não sei quem.” A mulher cansa disso, né? Então ela pega.

E quando a gente faz as nossas assembleias, ou curso de formação ou qualquer papo, hoje não tem mais por essa questão da pandemia. Mas a gente já se reuniu com mulheres para trocar um pouco de papo assim.

A gente diz, quando o homem vem e compreende a luta da mulher, enquanto ele luta em busca de um trabalho, a mulher vai pra reunião. Eles se dividem. Fazem a divisão de tarefas. Não pesa pra um e não pesa pro outro. Então porque a mulher acaba sendo a protagonista. É pelo fato dela ser a mãe, dela carregar e dela se sentir um pouco responsável dentro dessa questão.

Deus me livre eu ter que ir pra rua, deus me livre eu ter que ir... é o que acho, que eu penso.

Antigamente o nome, quando se consegui a unidade habitacional o nome ia pro homem. Aí o homem acabava tirando a mulher de casa, aquela que lutou a vida toda, e colocava uma novinha pra desfrutar daquilo que tinha sido conquistado pelos dois, ou mais por ela do que por ele ou vice-versa. Hoje não. Com muita dificuldade, através de uma luta das mulheres, houve a necessidade da mulher ser a titular do espaço, do financiamento. E mesmo assim a gente conhece história, mesmo estando no nome da mulher, o homem faz ela se retirar do espaço. Então a gente tem que conquistar mesmo, cada vez mais nosso espaço. O direito que nós temos. Esse direito é fundamental.

Sobre o Prestes Maia

Há dois anos atrás, se não me falha, em março do ano retrasado [2019] teve uma... primeiramente teve várias lutas. Primeiro o governo estava querendo que fosse um locação social. Que era importante ter um locação social. E acho que a locação social é super bem-vinda desde que o próprio governo ele negocie o próprio lugar, entendeu?

Aqui é uma conquista, é uma luta do movimento com as famílias. Então a gente não. Pra que a locação social nesse momento. A família luta pra ter a tua escritura, o teu papel, o teu documento de casa. E aí veio essa proposta. Depois veio a proposta de MCMV e aí com essa mudança do Bolsonaro, com a mudança, acabou tudo. E depois veio o governo municipal lançou aquele programa Pode Entrar. Aí teve o lançamento, teve tudo. A construtora foi aprovada. Tudo estava bonitinho, estava redondinho, que era para iniciar a reforma. Então vamos desocupar uma parte e vamos aguardar... Então vamos desocupar uma parte. Só vamos desocupar o prédio total na hora que a construtora falar “nós estamos entrando tal dia” deixar o dinheiro lá e vamos estar entrando tal dia. Ai foi aproado tudo e deu essa questão da pandemia. Com pandemia veio aquele, a espécie de um golpe municipal, dizendo que não tinha lançamento, que o jurídico falou que não podia e todas aquelas coisas. Enfim. Aí a gente está lá, mas o prédio já está tudo aprovado. É o programa Pode entrar. Em breve a gente vai fazer uma luta para reivindicar o nosso programa.

A Mauá que quase o mesmo processo da Prestes Maia. A Cohab comprou. Existe uma ordem de reintegração que está paralisada porque... Na verdade a prefeitura

queria passar uma liminar de desocupação no intuito do que... como a prefeitura comprou do proprietário, o proprietário tinha que passar para a prefeitura toda documentação, toda aquela burocracia. E aí esse imóvel tinha que estar livre de pessoas e coisas. Aí o que que a gente falou. Não tem, não tem nenhum problema. Não tem a garantia de que a gente vai voltar. A gente que vem lutado esse tempo todo para manter a nossa organização, com toda luta, com todo sofrimento. Então a gente vai continuar aqui. Entramos, teve nossos advogados, a dra. Juliana, do Centro Gaspar Garcia, o Dito vem ajudando bastante, orientado bastante. Fomos até o Ministério Público, com o doutor Marcos Vinicius. Apresentamos. Fomos à juíza no dia da audiência. Apresentamos como o imóvel estava e como a gente passou a deixar e aí está suspensa por enquanto.

Famílias

Preste Maia – 200 famílias – bloco A está desocupado

Mauá – 237 famílias

Ipiranga – 50 famílias

Ipiranga era particular mas temos a informação de que a prefeitura já adquiriu o imóvel.

E a gente está na luta também para tentar garantir o atendimento da famílias lá. Reforma e depois voltam.